

5

Conclusão

Permitam-me algumas breves considerações finais, espero que ainda a tempo de pesar algumas questões. Tomar a cargo a tarefa de investigar a noção de o intruso e suas consequências sobre a noção de estrangeiro, assim como avaliar as imbricações entre o intruso e a produção de subjetividades, tal qual pensadas por parte da filosofia contemporânea, não foi um desafio fácil, tampouco passível de ser elaborado através de um texto linear. Também a própria via escolhida para tratar o intruso, partindo das perspectivas da intrusão no “exterior” e no “interior” foi ela mesma uma tentativa de trazer à tona o paradoxo do intruso³².

A necessidade de explicitar na própria forma de construção do texto os paradoxos que envolvem a abordagem das noções contempladas pareceu ser a escolha mais próxima ao universo do próprio autor estudado. (Talvez com algum risco, diria que tal escolha foi feita bastante ao modo de Nancy). Isso porque, como se pôde observar, Nancy traz com frequência e com evidência o vocabulário partilhado para então ser desconstruído, dando visibilidade à sua contradição. Pois como falar do público e do privado se esses limites forem completamente perdidos de vista? Era necessário de alguma forma lidar com as palavras compartilhadas trazendo, a partir delas, a incongruência do compartilhamento de uma linguagem comum.

É possível que por algumas vezes o estudo tenha parecido impalpável. Infelizmente este foi um risco desde sempre manifesto. Afinal, o pensamento aporético não oferece um caminho sistemático. E o texto, não poderia ser diferente, esteve marcado por uma demanda, não de normatizar os lugares de abordagem do intruso, mas de, a partir deles (este a partir não é em vão, na medida em que há uma necessidade de fazer limite), mostrar o que sustenta este pensamento sem cair em dicotomias. Portanto, não afirmando o desconhecido em detrimento do conhecido, a margem em detrimento do centro, o estrangeiro, do comum, ou o social, do corpo. Ao mesmo tempo que estes lugares se tocam, eles

³² Neste mesmo sentido, explica Francisco Ortega sobre o procedimento derrideano: “o objetivo de Derrida seria mostrar como tudo o que nos parece natural, familiar, esconde, ao mesmo tempo, o sinistro, o estranho, o lúgubre” (Ortega, 2000, p. 51)

também se distanciam, proporcionando a própria existência do encontro, que nunca é somente um encontro, mas uma relação. Tal é o “princípio” da aporia, pois ela não deve ou deveria enfraquecer o outro, mas tentar acolhê-lo, mantendo-o como outro e sustentando-se no limiar destes espaços, numa partilha constante entre o eu e o outro.

Tratou-se, portanto, de promover renovadamente encontros que trouxessem à tona a questão da intrusão na identidade contemporânea, no paradigma da não reciprocidade e não simultaneidade. Seja nas questões de intrusão na esfera pública ou na privada, o *outro* sempre se colocou como uma problematização do modo homogeneizado como se configura a identidade contemporânea. Estando ele tanto no âmbito do público, sob a figura do estrangeiro introduzindo-se e introduzindo a dissimetria nas formas de reconhecimento ou agrupamento, quanto no âmbito de um estranho à subjetividade, na figura de um coração-pele, de um coração intruso a si mesmo ou em constante diástole. Assim, se por um lado, o *outro* faz ruir a inteireza do sujeito, por outro, esta intimidade interrompida impede que os sujeitos constituam-se com inteireza frente a um desconhecido.

O público e o privado aqui foram como zonas de encontro e de contato, ou ainda, zonas de intrusão, termo que provavelmente exacerba o aspecto indecível e aporético deste encontro. Zonas de intrusão como tentativas de trazer os traços apagados por um medo do diferente e um conseqüente desejo de comum que, nas sociedades de hoje, exclui qualquer possibilidade de haver *outro*, de haver fora. O limite, ou o encontro, só se oferece na medida em que há encontro e desencontro, proximidade e distância.

Há hoje, como tanto mostra Nancy em *L'intrus*, uma exigência imperativa de proximidade, de reconhecimento, de identidade e de fraternidade. Uma exigência de um comum que parte de uma crença em que os “males” do homem serão resolvidos através da comunicação, da intimidade, de uma vida sem segredos, onde todas as esferas da vida sejam dominadas pelo conhecido e pelo íntimo. Há, portanto, uma exaustão do íntimo ao mesmo tempo em que nenhum íntimo é mais possível. Todo íntimo é demandado, invadido e expulso de si mesmo. O que desenha hoje um comum, qualquer que seja este modo de

desenhar, deve ter em conta a inevitabilidade do avanço das fronteiras, e a intrusão constante e inapelável do outro no seio daquele que se crê um si mesmo.

Se por um lado, escrevendo a dissertação, demarquei frequentemente um modo de abordagem voltado ao que há de literalmente “comum” nas questões tratadas sobre o intruso por Nancy e Derrida, por sua similaridade e afinidade de pensamento, por outro lado, gostaria de acentuar que nesta parceria é preciso ter em conta o acolhimento também da distância, do segredo, daquilo que não se reúne. Pois não se buscou demarcar o pensamento de cada um destes autores como uma substância previamente estabelecida, mas trabalhar com este encontro para além de uma intimidade forçada. Certamente uma pesquisa que especifique em pormenores tais movimentos, traçando de que forma se aproximam e distanciam os autores, ainda está por vir. Traçar este movimento não só de proximidade mas também de distância entre eles fica, assim, sendo um projeto embrionário e necessário de se ter em vista, como uma “prótese” essencial a esta dissertação.

Se Nancy e Derrida pensam juntos tantos temas aqui expostos, sobre a escrita, sobre o estrangeiro e o sujeito, isto não significa que possa resumi-los sob o signo da amizade de pensamento. Muito pelo contrário. Um excelente artigo que aborda com muita clareza, ainda que muito breve, a forma como a economia de um (Derrida) e o excesso do outro (Nancy) se completam, chama-se “Putting community under erasure: Derrida and Nancy on the plurality of singularities”³³, de Marie-Eve Morin. O artigo volta-se predominantemente às discussões sobre a comunidade, o que não foi o foco da dissertação, no entanto, oferece um ótimo trabalho de perspectivização dos dois autores, quando considera-se que a questão do comum aborda-o quando não se pode mais sustentar uma comunidade segundo preceitos de homogeneidade e é necessário compreender uma nova comunidade que tenha a alteridade como base, não dicotômica mas, paradoxalmente, “fundadora”. Nesse sentido, um comum encontro entre Nancy e Derrida não poderia ser apenas um encontro de pensamentos que se coincidem, mas de um encontro que *não* coincide no próprio encontro, que não se assimila nem se reduz à identidade do encontro.

³³ Artigo publicado na revista online *Culture Machine*, Vol 8 (2006). Pode ser encontrado em: <http://www.culturemachine.net/index.php/cm/article/viewArticle/37/45>. Último acesso em 16/08/2011.

Segundo a autora, Nancy ofereceria uma tentativa de escrever (*excrire*) aquilo que seria “comum” entre os homens. E Nancy não teria tanto pudor em usar as palavras do comum, como liberdade, sentido, homem. Derrida, diferentemente, tentaria precaver-se disto a todo tempo, afastando e quase rejeitando esta palavra, “comum” ou “comunidade”. Ambas perspectivas, para a autora, se completariam ou se cruzariam de forma interessante, lembrando sempre um ao outro do risco de apagar seja o comum, ou de apagar o apagamento mesmo do comum, pois na medida em que apaga-se alguma coisa, afirma-se ela mais ainda, num negativo dialético. A autora diz:

because the two movements are necessary for a full deconstruction of a concept, we can claim that Derrida and Nancy must be read together, *with* one another in the strong sense of the term, as complement, as two sides of the same discourse. (Morin, 2006, p. 2)

Deste modo, o encontro entre os dois autores parece produzir um efeito bastante “incomum” e especial. Acredito ter encontrado em algumas das investigações de Morin eco para meu desejo inicial de tratar destes autores lado a lado. Reunindo-os, numa investigação sobre a questão do intruso, daquilo que justamente não se apaga nunca, não se reduz ao encontro, acredito poder ter sustentado a escrita, sem deixá-la cair completamente para um dos lados da contradição que carrega.

5.1

(falta de retoque final)

Interior. Se for pra partir quero que seja para não deixá-lo. Aqui tudo se sustenta como forma de não se deixar cair.

Marcos Siscar

O tempo de gestação de uma dissertação é um período longo, com excessivas expectativas e responsabilidades. É necessário aprender a conviver com elas: no risco das apostas feitas no calor da sedução do “tema” inicial, tentando dar sistematicidade à paixão da primeira leitura e aos primeiros contatos do leitor com a obra; na tentativa de fazer com que este contato se estenda para a

escrita, de forma “não-virtual” (seria este toque, afinal, possível?)³⁴; nas dificuldades de redimensionar as medidas, os passos previstos, que correm sempre para além de si mesmos, na exasperação infinita que precipita todo acontecimento e toda escrita.

Nada, nenhum segredo, é oferecido àquele que não espera ou oferece hospitalidade aos acontecimentos que se colocam ao longo do percurso. Duro confronto, a hospitalidade não parece nunca ser suficiente, o filho não está pronto. Provavelmente nunca estará. O hóspede finalmente não abandonou a casa, nem se descolou verdadeiramente do abrigo provisório. Mas, ainda assim, se espera por ele, nesta gestação impossível onde toda propriedade é expropriada desde sempre, onde o interior carrega uma ficção originária, um extravio inapelável, um extravasamento e uma ânsia que nem sempre ou necessariamente se completam em vômito ou palavra, em “expressão” ou “representação”.

Portanto, é necessário saber esperar, saber conviver, saber partir e deixar partir, por mais frágil que possa ser o hóspede que se carrega sempre à bordo. Partir e deixar partir não para desvendar um segredo escondido, supostamente mais profundo e mais substancial, mas para que a partida seja também um recomeço, para que, partindo, se continue a manter velado este filho impossível de ser revelado, como mostra Claire Denis através do personagem Louis Trébor, que encontra-se na busca eterna de um filho perdido, seja ele biológico ou artificial.

O que parece se ter em mãos não revela finalmente nada, mas demonstra uma tentativa de lidar com o expatriamento, com a expropriação, como se esta tentativa contivesse toda a impossível propriedade. Pois, entra-se, no cego trabalho de gestar uma dissertação, em uma relação encantatória com aquilo que se espera, nem de acolhida nem de rejeição, nem de entrega nem de distância. Justamente, o encantamento da cercania, de falar do outro e ao *outro*, este intruso que *me* move, que *me* aproxima e *se* aproxima, vindo ele de dentro ou de fora, sendo ele hóspede ou hospedeiro. Pois “quem” ou o “quê” neste jogo é impossível de ser dito e nomeado sem a inquietante dúvida prévia. A dúvida perpassando a dicotomia e causando um remetimento sem fim, que confunde as margens do eu e do outro.

³⁴ “Comment croire en effet que le toucher ne se virtualise pas”? (Derrida, 2000, p. 337)

Então, a espera cresce, avança em direção a este outro, que parece, agora, exigir o comparecimento, na violência de um ponto final. Exigência de que se ponha na ordem do dia a interrupção, que se dê a ver este outro sempre inacabado de si mesmo, que na verdade nunca se dará completamente a ver e a tocar, nunca se dará ao acesso imediato. O fracasso de trazê-lo à tona, à superfície, sempre foi anunciado, ainda que sejam muitos os modos de responder a ele.

Neste momento de partida, os contrapesos na balança pesam demasiadamente. De modo que prefiro, se me permitirem, prestar as contas deixando esta escrita em aberto, aceitando o inacabamento inevitável ao qual este trabalho estava destinado. A meu ver, o intruso trata justamente disto, de aceitar o abandono de si, da inevitável ferida aberta ao outro, da exposição, da relação e da dificuldade do contato dos homens, entre eles, com o mundo e com o sentido. Não de forma a “sentir” ou “pressentir” o outro, ou de melhor “representar” este outro, mas de dizer sim a este outro que chega e *me* convoca antes de qualquer aceitação ou negação. A intrusão acontece na relação com um estrangeiro que chega de surpresa, no inesperado transplante de órgão, ou na metáfora que agora me valho: a de uma gravidez inesperada.

Por isso, por sentir-me ao mesmo tempo hóspede e anfitriã de uma escrita e de uma questão que não acaba, de cultivá-la ao mesmo tempo que sou cultivada por ela, gostaria de finalizar trazendo o poema “O hóspede”, “Der Gast”, de Paul Celan, que acredito não poderia deixar ao esquecimento. Cito o poema na versão traduzida de Cláudia Cavalcante:

Muito antes de anoitecer
 chega à tua casa aquele que trocou acenos com a escuridão
 Muito antes de amanhecer
 ele desperta
 e, antes de ir-se, atíça um sonho
 um sonho ressonante de passos:
 o escutas medir as distâncias
 e jogas para lá a tua alma

Acredito que o poema de Celan reúne de muitas maneiras e de forma bastante condensada a questão da intrusão. O hóspede é aquele que ameaça a segurança da ordem do dia, introduzindo-se, justamente, como aquele que “trocou acenos com a escuridão”. O hóspede chega antes de anoitecer e se vai quando ainda não

amanheceu. Introduce-se numa zona indefinível, onde o dia ainda não é noite e vice-versa. Ele traz, não a noite ou a escuridão em si, mas uma forma de troca ou ainda, de aceno (um “Salve”, como nomeou Derrida o último capítulo de *Le toucher*), reportando-se ao outro lado, da casa e do dia. Antes de ir-se o hóspede faz frente também ao dia entendido como realidade comum, factual, compartilhada pelos homens, e atença um sonho, jogando o anfitrião, seja ele o escritor ou o leitor, “para lá”³⁵, sempre adiante. O hóspede é aquele que mede as distâncias (essas, que mal podem ser medidas com exatidão) e o anfitrião, por fim, é aquele que acaba por *quase* confundir-se, aproximando-se infinitamente e tateando, agora, também ele, o desconhecido, tão próximo e tão distante ao mesmo tempo.

³⁵ Há uma relação interessante que se estabelece com o leitor quando Celan diz que o anfitrião “joga para lá a sua alma”. Considerando que “para lá”, *dorthin* em alemão, é um advérbio de lugar, há como um confronto entre a alma, considerada imaterial, e o fato de que ela se lança *dorthin*, ou seja, num âmbito físico. Ela encontraria-se tanto na impossibilidade de tocar ao outro, quanto de tocar a si mesma. A questão da intrusão parece transparecer também aqui, na medida em que o caminho desta alma que se lança está destinado a nunca chegar.